

CRIATURAS IMPOSSÍVEIS

LIVRO DOIS

O REI
ENVENENADO

KATHERINE
RUNDELL

O
REI
ENVENENADO

*Para Theodore e Phoebe Rundell:
duas criaturinhas incrivelmente maravilhosas.*

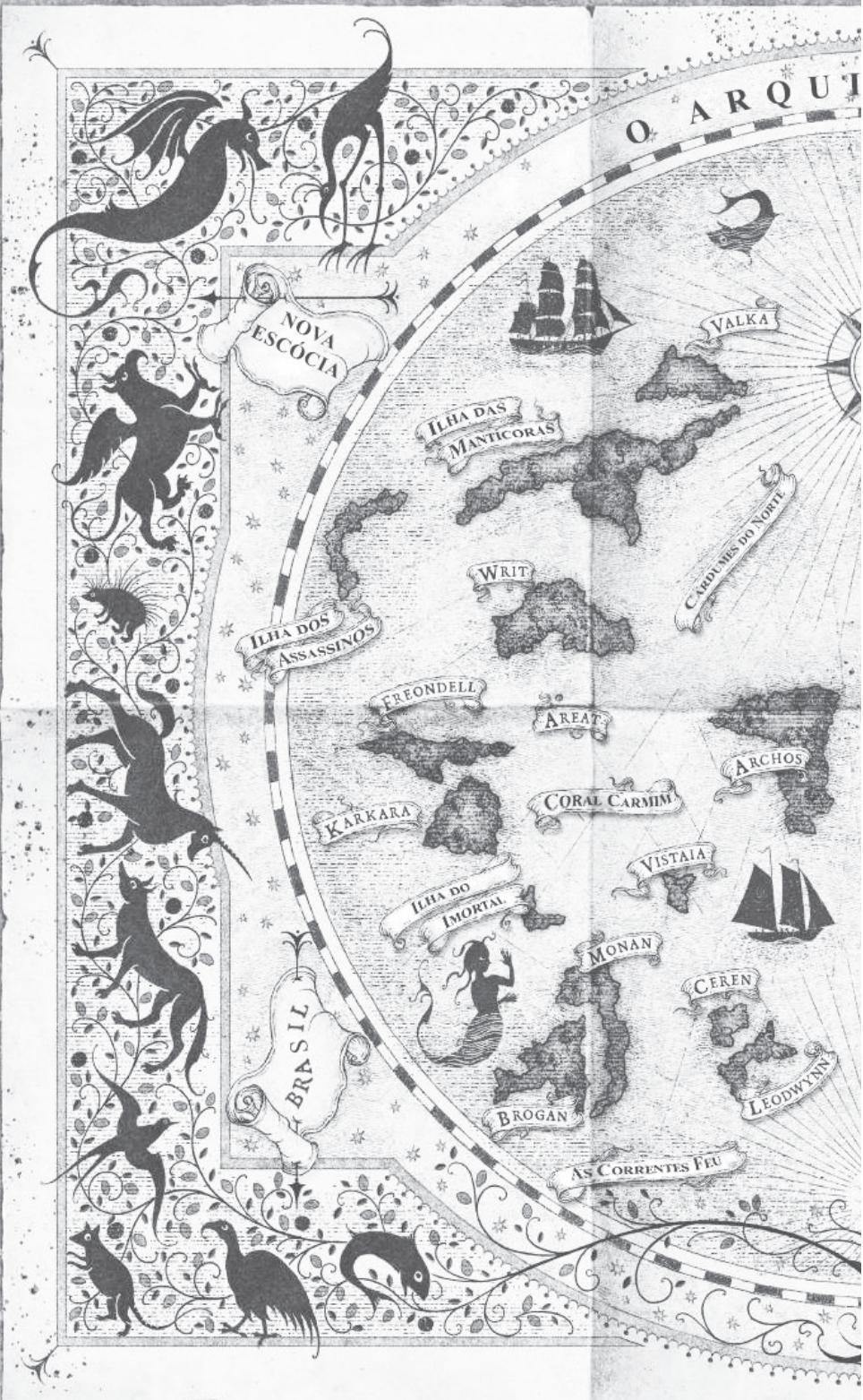


“O corvo crocitante grasna por vingança.”

William Shakespeare, Hamlet (1601)

“Nenhum animal é tão sábio quanto o dragão.
Seu poder de bênção não é falso. Ele pode ser
menor do que pequeno, maior do que grande,
mais alto do que alto e mais baixo do que
baixo.”

Lu Dian (1042-1102 EC)



PÉLAGO

ARKHE

PARASPARA

TÄR

PENÍNSULA DA ESGINGE

CANAL DO KRAKEN

OS MINIMS

ILHA DAS ASAS

LÍTIA

AUSTRO DO KRILL

GLIMIT

ESTREITO DE LÍTIA

EDEN

DOUSHA

ILHA DA LUMINESCÊNCIA

ATIDINA

ARVATANA

LEOMA

CERETOS

AGUAS SUAVES

POLYTEMUS

GRANDE CARUTA

ANTIOK

CARUTA

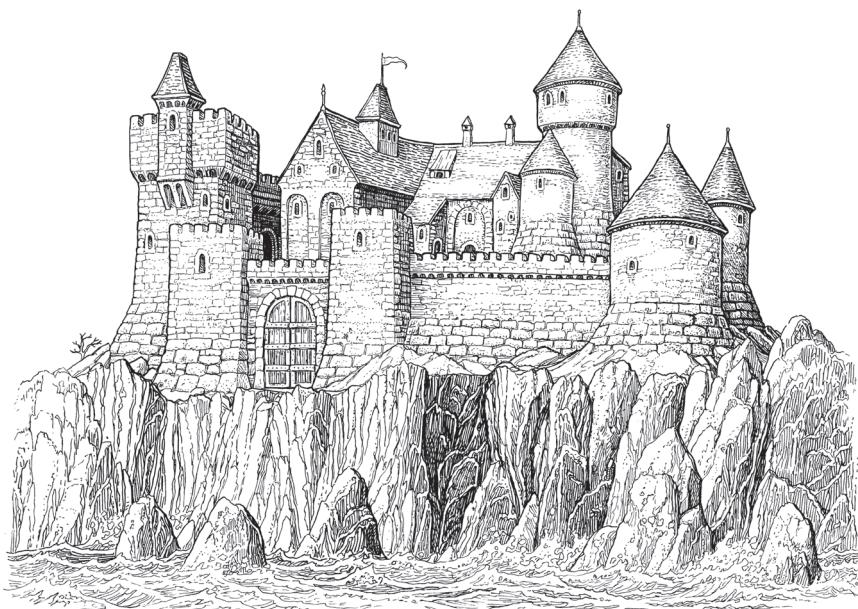
ILHA DAS ÁGUAS CLARAS

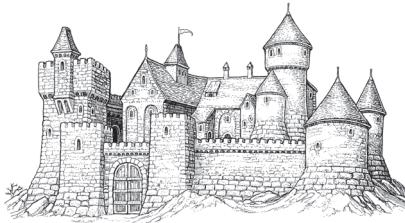
FRANÇA



P A R T E U M

CASTELO

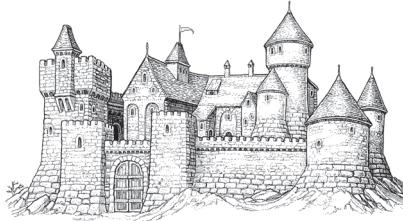




UM AVISO ANTES DE COMEÇARMOS

Eles diriam que era impossível: o caos e a desordem que ela causou. Diriam que ela não tinha isso dentro dela.

Ela tinha, mas lá no fundo. O que você encontraria embaixo da sua casa, se resolvesse cavar? Lama e minhocas. Tesouros enterrados. Esqueletos. Não dá para saber. A garota cavou fundo nas profundezas do próprio coração e lá encontrou fome de justiça e sede de vingança.



O DRAGÃO IACULUS

Christopher Forrester acordou com um dragão mordiscando seu rosto. O dragão era do tamanho de um pardal, pequenininho o suficiente para caber na junta do seu dedão, e de uma beleza verde-prateada deslumbrante. Seu semblante era altivo o bastante para abrir um buraco numa porta de metal.

O dragão falou:

— Christopher! Não foi fácil te encontrar.

Christopher se sentou.

— Jacques? — perguntou. Seu corpo todo começou a tremer de choque e de alegria.

Ele empurrou as cobertas, olhando ao redor do quarto. Sua calça jeans estava no chão, e a janela dava para uma rua de Londres. Tudo estava como antes, e nada estava como antes, porque um dragãozinho minúsculo estava empoleirado em sua mesa de cabeceira.

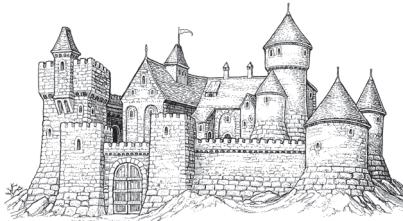
— Jacques! — disse outra vez. Ele era real, estava ali e estava mordendo a lâmpada do abajur de Christopher como que para testá-la.

— O que está acontecendo?

— Vim para trazer você de volta comigo — respondeu Jacques, sacudindo cacos de vidro de suas costas. — Agora, imediatamente.

— De volta? Para o Arquipélago?

— Óbvio. Eu ordeno! — Por trás da arrogância, havia uma oscilação em sua voz. Era medo. O dragão voou até a mão de Christopher e mordeu com força seu polegar, fazendo o dedo sangrar. — Preciso urgentemente de você.



PRECISO URGENTEMENTE DE VOCÊ

Christopher podia sentir o coração aos pulos, cada vez mais forte. Mas tentou disfarçar a empolgação e controlar a respiração, até que entendeu. Ele começou a vestir, com pressa, a calça do dia anterior.

— Se você pudesse *não* me tratar como um petisco, seria ótimo — disse para Jacques. — Me conta o que aconteceu. Como você chegou aqui?

— Com imensa engenhosidade e esforço. Fui para Atidina, através do entrecaminho que passa pelo rio ali. Estava muito úmido, e eu detesto água. Não gostei. Isso já foi desagradável o suficiente, mas então pensei que encontraria você na Escócia, onde o entrecaminho emerge — disse Jacques. — Mas você não estava lá. Desviei do seu avô para ir para o Sul, seguindo seu cheiro. Fui atacado por um bando de pombos e um corvo encrenqueiro. Não pude fazer fogo, quer dizer, eu não queria fazer, para não alertar os humanos da minha presença, então comi o que encontrei naqueles grandes cestos de comida podre que vocês têm nas ruas por algum motivo inexplicável. Foi nojento. Exceto pelos saquinhos de plástico com um líquido vermelho. Aqueles eram deliciosos.

Olhando mais de perto, Christopher viu que o dragão tinha ketchup nas escamas debaixo do queixo.

— Mas por quê? *Por que* você está aqui? Você não está seguro, Jacques.

— Acha mesmo que eu não sei disso? Eu não teria vindo até aqui e voado por entre suas repulsivas latas assassinas de quatro rodas que expelam uma fumaça imunda sem motivo. Não tive escolha — disse Jacques. Ele rangeu os dentes. Havia tristeza em seu rostinho. — Fui enviado.

— Enviado por quem? — Mas Jacques estava tão tenso que não conseguia falar. Soltou o ar e, em vez de fogo, uma vasta nuvem de fumaça preta escaldante encheu o quarto. Christopher correu até a janela antes que a fumaça disparasse o alarme de incêndio, abanando-a nas dobradiças. — Jacques! *Me conta!*

As palavras de Jacques saíram apressadas.

— Os grandes dragões estão morrendo, às dezenas. Ninguém sabe por quê.

Christopher sentiu uma onda de terror atravessá-lo. Ele tinha conhecido dragões. Esteve perto o bastante para sentir o poder, a inteligência pura e precisa deles: não a inteligência da humanidade, mas de algo infinitamente mais vasto, selvagem e antigo.

— Como? Quais espécies? — Não os dragões de asas vermelhas, rezou.

— Os dragões de gelo no Norte: seis mortos. Os dragões amarelos no Sul: dez, *puf*, extintos, foram descobertos pelas fênix. Duas famílias de cauda prateadas: uma dúzia foi encontrada morta. E tem mais, ninguém sabe quantos mais, tem mais o tempo todo.

— É uma doença? Ou... assassinato? Como qualquer criatura poderia matar uma dúzia de dragões? Nem mesmo uma esfinge seria forte o suficiente. Nem mesmo uma mantícora.

— Não sei! Mas Sarkany, a grande dragoa de asas vermelhas em cujas costas você um dia voou, me enviou para te convocar. Ela disse que preciso levar você de volta ao Arquipélago.

— Mas por que eu?

— Só pode ser você! — Fumaça saiu de seu nariz. — Alguns dizem que pode ser varíola de dragão, então os grandes dragões não ousam se misturar uns com os outros. Eles estão separados por medo de contágio. Mas a maioria acredita que é assassinato, e por isso nenhum dragão confiará em qualquer homem ou criatura do Arquipélago. Mas você é de Outras Terras. Sarkany confiará em você, e só em você.

Christopher continuou parado ao lado da janela com a mão no trinco. Os dragões, assassinados? Ele pensou em Sarkany, em seu esplendor aterrorizante e na força de suas asas.

— Mas o que eu poderia fazer...

Jacques bufou mais uma vez: mais fumaça preta e furiosa.

— Dragões não gostam dos questionamentos humanos. Pergunte mais uma vez e eu queimarei este quarto até virar cinzas. Você virá?

Se ele iria? Que perigo o aguardava do outro lado da convocação do iaculus? O que ele podia fazer que os dragões, com todos os seus anos de força e conhecimento impiedoso, não podiam? Mas também havia euforia surgindo em Christopher. Pois um dragão precisava dele! Que ele voltasse ao Arquipélago! Voltasse aos unicórnios e dragões, aos longmas e aos kankos, ao glimourie, à terra de Mal Arvorian!

— Sim.

Ele tirou uma caixinha de debaixo da cama. Nela estava o dente que a esfinge lhe havia dado, enrolado com cuidado em algodão. Havia também uma faca, um cantil de metal e alguns alimentos: chocolate, barrinhas de cereal, coisas que durariam. Ele estava pronto. Esteve esperando. Era o que ele desejava, lá no fundo, havia muito tempo: que alguém dissesse seu nome e o chamassem de volta.

Christopher enfiou o dente, a faca e o cantil no bolso do casaco, junto com todo o seu dinheiro e celular. Depois, pegou o celular novamente, desligou-o e o deixou ao lado da cama; ele não queria ser encontrado. Escreveu um recado para seu pai, ainda era cedo, ele não estaria acordado.

Pai, voltei para o Arquipélago. Os dragões precisam da minha ajuda. Só de escrever isso, um arrepiô percorreu seu braço. Desculpe por não ter pedido sua permissão. Não se preocupe comigo — estarei completamente seguro. Em seguida, riscou a frase “estarei completamente seguro”. Era inútil mentir. Em vez disso, acrescentou: Tomarei cuidado, mas também riscou essa. Por fim, escreveu: Te amo. Christopher.

— Vamos logo! — ordenou Jacques.

Christopher esvaziou a mochila da escola, tirando dali um projeto de geografia extraordinariamente chato sobre o sistema rodoviário belga,

uma meia velha e suja do seu kit esportivo e uma banana podre. E então a ofereceu a Jacques.

O olhar que o dragão lhe lançou teria murchado rosas. Teria feito um arco-íris cair do céu.

— Não serei transportado nessa... excrescência pútrida e fétida que você chama de sacola. Eu me sentarei em seu ombro como de costume, como um imperador poderoso num cavalo.

— Você não pode fazer isso. As pessoas vão te ver.

— Então voarei por entre as nuvens, assim como vim.

— De trem será mais rápido e mais fácil. — O dragãozinho parecia exausto, embora Christopher soubesse que não deveria dizer isso em voz alta.

— Então encontre outra opção. Essa sacola imunda está fora de questão.

O casaco de Christopher era longo e grosso, e os bolsos eram grandes.

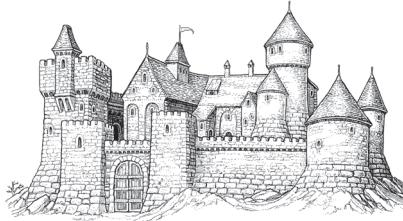
— Você pode ir no meu bolso extra.

Jacques deu uma farejada.

— Melhor. É quase intolerável, mas pelo menos não tem o cheiro de um pequeno apocalipse.

Christopher abriu o bolso e o dragão voou para dentro. Suas escamas estavam quentes e secas ao toque, e o bolso ficou morno na mesma hora.

— E agora vamos — disse o dragão. Ele bufou, e fumaça de dragão, dessa vez branca, leve e quase doce, subiu de seu bolso como uma nuvem. Tinha o cheiro do Arquipélago, pensou Christopher: de glimourie, de céus imensos com longmas e fênix, de ilhas selvagens e encantadas.



O CAMINHO PARA O ENTRECAMINHO

Era simples fazer, embora não fosse fácil, e isso não é a mesma coisa. Christopher pegou o ônibus para a estação Euston, esperando a todo momento que fosse ser pego e parado. Jacques não tornou as coisas mais calmas ao morder um chiclete que encontrou no bolso de Christopher e ficar pegajosamente preso nele. Christopher embarcou no trem. Custou metade de suas economias, e Jacques insistiu em ser alimentado com linguiças do vagão-restaurante, cobertas de ketchup, e se lambuzou alegremente no casaco de Christopher. O tempo todo, seus pensamentos estavam nos dragões: em seu conhecimento opaco e em sua beleza perigosa.

Na balsa, Christopher se levantou do seu assento de plástico duro e foi ficar lá fora, no convés. O vento e a maresia mantinham os outros passageiros do lado de dentro.

Jacques surgiu triunfante e colocou uma das garras ainda com resquícios de chiclete no queixo de Christopher.

— O que você está fazendo?

— Observando seu rosto. Quanto tempo faz desde que nos encontramos no Arquipélago?

— Quase um ano.

— Como tem passado? Com seu novo conhecimento, novas tristezas e novas alegrias?

Christopher sorriu.

— Eu sonho com ela. — Ele ainda pensava em Mal Arvorian todos os dias. Conversava com ela em sua imaginação. — Mas sei que ela está lá. Em algum lugar. Sei que ela está por lá.

E ela lhe havia ensinado que o mundo era mais colossal do que ele imaginava. Às vezes, ele acordava à noite e a lembrança do Arquipélago lhe dava o choque de uma alegria nova e estranha.

— Teve notícias de algum arquipelagano? Nighthand, Irian, aquela ratatoska odorífera, Ratwin?

Christopher balançou a cabeça.

— Tentei voltar, mas meu avô me impediu. Aí teremos que passar despercebidos por ele. E meu pai vai entrar em pânico quando descobrir que eu sumi. — Ele pensou em seu pai amoroso e cauteloso, e sentiu uma pontada aguda de culpa manchar sua empolgação. — Sua fumaça de dragão não vai tranquilizá-lo muito.

Jacques bufou.

— Muitas pessoas ficariam emocionadas por ter um cômodo que carrega o vestígio da presença de um dragão. Ele deveria considerar isso como o auge do design de interiores.

Por fim, no frio e na escuridão que se intensificavam, Christopher pegou um táxi surrado e com cheiro úmido até a casa de seu avô. Foi uma viagem longa, e acabou com o que restava do seu dinheiro. Ele pediu ao motorista para parar quando o dinheiro acabou e depois foi caminhando.

Demorou uma hora a pé para que chegasse ao portão de seu avô. Ele caminhou ao longo da alameda arborizada, sob a sombra das árvores. Jacques era levado triunfantemente em seu ombro, a ponta das asas arranhava o pescoço de Christopher, lembrando-o de que aquilo era real.

Ao ver a casa, Christopher se escondeu atrás de uma árvore e espiou. Ele podia ver seu avô Frank sentado à mesa, e seu coração disparou. Christopher desejava correr até a janela, bater e acenar, mas não podia ser visto.

Ele passou despercebido e subiu a colina na direção do entrecaminho; até o lago no topo que o levaria para o Arquipélago.

Mas agora, conforme se aproximava do lago, a emoção e a saudade que ele sentia se misturavam com um arrepião de medo. Como um humano sobreviveria contra um poder capaz de matar dragões?

Christopher diminuiu o passo quando alcançou o topo da colina. A água no lago brilhava de verde. Jacques deu um pio baixo de urgência.

Christopher caminhou ao redor da margem do lago. Abaixo, bem no fundo do lago, o verde fosforescente brilhava. Ele tirou as botas e as pendurou em volta do pescoço. Hesitou, e Jacques sentiu a hesitação. Pela primeira vez, o iaculus não zombou dele.

— Não dá para pular e não pular ao mesmo tempo, Christopher — disse Jacques. — Tem que decidir.

A fé é paradoxal, pois consiste em acreditar na possibilidade do impossível; seu avô lhe havia dito isso. Christopher pensou outra vez nos dragões, e na criatura sombria que poderia estar caçando-os. Ele pensou no céu do Arquipélago, no azul impossível do lugar impossível, para onde Mal Arvorian havia voado.

Ousar é perder o equilíbrio; o lugar no mundo. Não ousar é perder tudo o que vale a pena ter.

— Christopher. — As garras de Jacques afundaram em sua pele. — Por favor.

Dragões não pedem por favor. Christopher deu três passos para trás, afastando-se da água. Em seguida, soltou um berro, um grito de amor e aceitação, e virou-se para correr e saltar bem no centro do lago.

Estava brutalmente frio, quase cruel ao toque da pele. Ele nadou para baixo, na direção das profundezas da água, onde a fosforescência rodopiava ao redor de seu rosto. Ele estendeu a mão para tocá-la. Uma pressão repentina e insuportável esmagou seu peito quando a corrente o agarrou. Ele engoliu água e se engasgou.

Christopher girou na correnteza, buscando desesperadamente a superfície. Sua cabeça bateu numa pedra e ele vomitou. Ia se afogar, seus pulmões gritavam. Ele bateu as pernas outra vez, frenético, e então sua cabeça irrompeu no ar frio, e ele viu na luz do crepúsculo um rosto que o observava das margens de um rio.

O rosto era ao mesmo tempo de leão e humano. Era antigo e lindo. O dorso enorme da criatura era acobreado à luz da lua, e suas quatro patas eram trançadas de tendões e músculos. As asas estavam posicionadas ao longo das costas, dobradas, prontas. Ao lado dela, na grama molhada de orvalho, havia uma espada.

Era uma esfinge.

Christopher conhecia aquele rosto. De repente, não importava mais que sua têmpora estivesse sangrando, manchando a água do vermelho. Ele se arrastou até a margem.

— Naravirala! — disse ele.